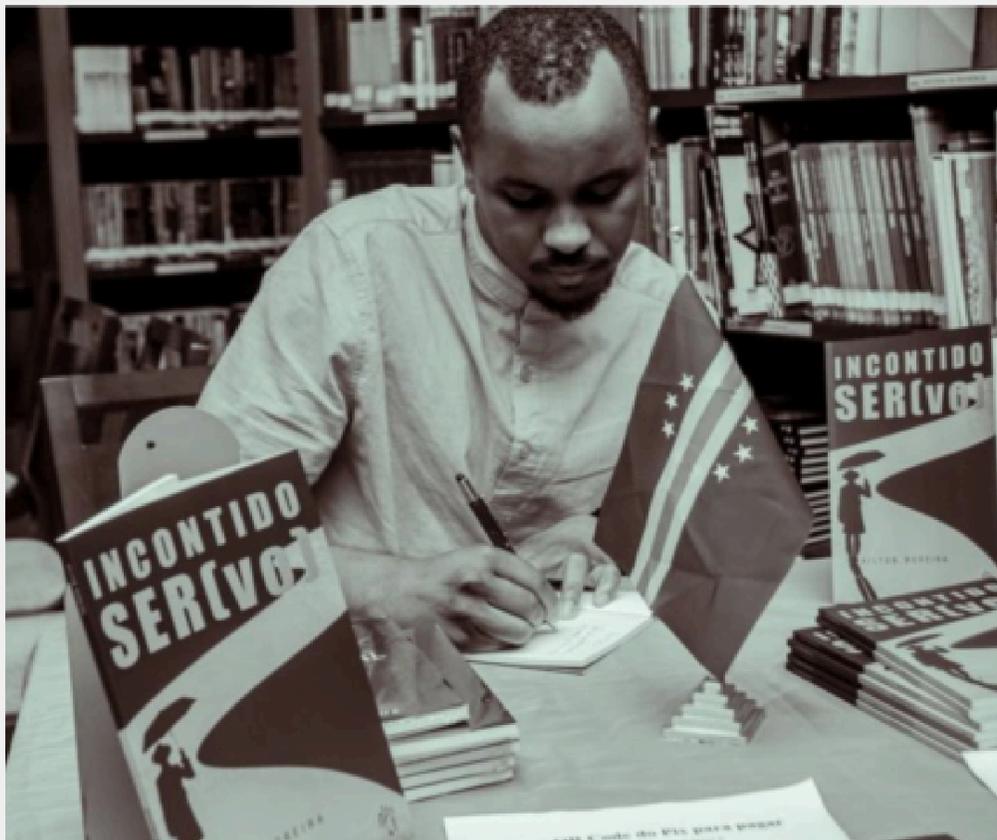


MWANGOLÉ DAS LETRAS

JORNALZINHO | LITERATURA | ARTE | CULTURA

DESTAQUES LITERÁRIOS:



O desafio dos escritores emergentes cabo-verdianos e a busca por oportunidades de publicação

Em entrevista ao programa Fala África VOA, Ailton Moreira, engenheiro e poeta, compartilhou as ricas camadas de sua mais recente obra literária, "Incontido Ser(vo)", lançada em abril no Brasil. Este engajante diálogo não só ilumina suas influências cabo-verdianas como também pontua a complexidade de viver entre o Brasil e Cabo Verde.

Ailton Moreira nos conduz ao cerne de sua identidade literária, traçando suas raízes até as paisagens e as pessoas de Cabo Verde. "Tudo o que sou e tudo o que construí enquanto escritor se ancora nas experiências de minha terra natal," explica Moreira. Sua obra é uma homenagem à vida rural cabo-verdiana e às mulheres que são frequentemente marginalizadas pela literatura convencional.

Entre dois mundos: o género e a interculturalidade

A experiência cultural de Moreira se reflete vividamente em "Incontido Ser(vo)", onde o leitor encontra um delicado equilíbrio entre a ficção e a realidade vivida no Brasil e em Cabo Verde. Essas histórias não apenas capturam a essência das vivências locais, mas também promo-

vem uma conexão universal com temas de identidade e pertencimento.

"Este livro está dividido em duas partes: na primeira, nós temos contos que abordam muito essa minha chegada no Brasil, as experiências vividas aqui. O território brasileiro é o palco. E na segunda parte, nós temos os contos que têm como palco o território de Cabo Verde, onde eu falo mais sobre essa parte das personalidades, das pessoas do campo, do jovem do interior... é bom frisar que os contos são fictícios, mas todos eles têm seu cerne, seu umbigo, na realidade," explica Moreira.

"Incontido Ser(vo)": Um título provocativo

O título da obra, "Incontido Ser(vo)", é uma metáfora para a busca constante por auto-reinvenção e adaptação. Moreira desafia os leitores a saírem de suas zonas de conforto e a enfrentarem novos desafios, tornando o livro um manifesto de resiliência e um convite para reivindicar um espaço merecido no mundo.

"Por exemplo, aqui no Brasil, enfrentamos questões de racismo e preconceito—desafios que nos obrigam a aprender a lidar com aquilo. E não existe um manual de como lidar com essas situações. Então nesse momento você é instigado a ser incontido, a se revoltar, a buscar uma forma de se posicionar perante aquilo que não está confortável, falando, batendo no peito, exigindo respeito e querendo seu espaço, seu lugar merecido," sublinha Moreira.

Influencer dos EUA viraliza após ler o livro de Machado de Assis, intitulado “Memórias Póstumas de Brás Cubas”



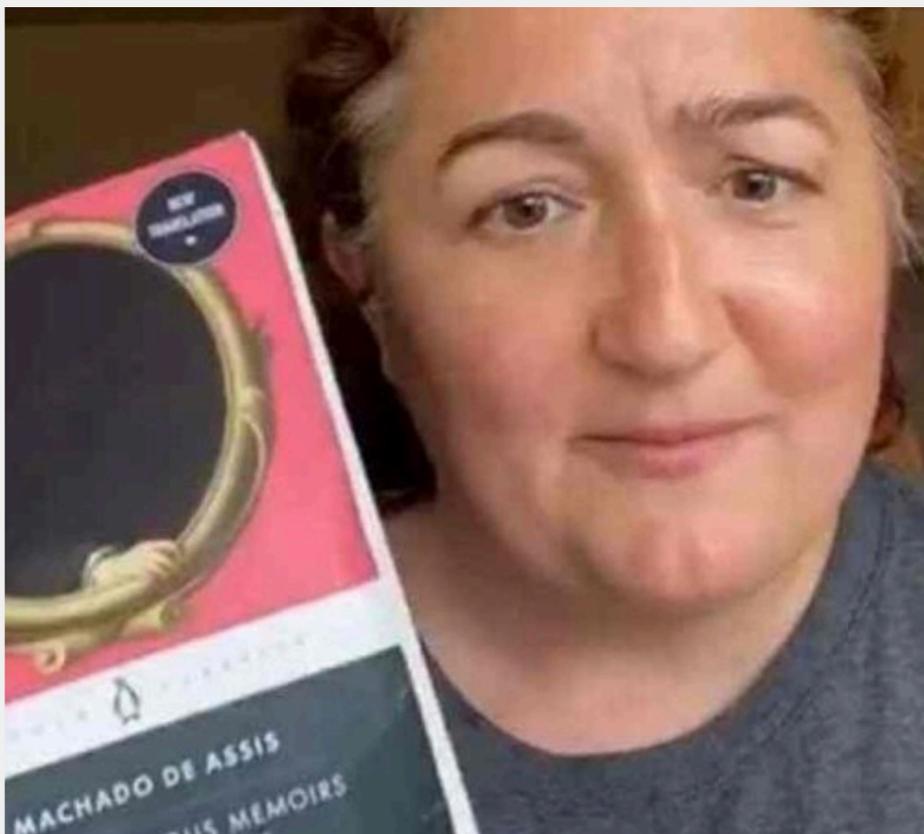
Sobre a Teoria da Literatura

Para Wikipédia, a Teoria da literatura é a argumentação científica ou filosófica da interpretação literária, da crítica literária, da história da literatura e do conceito de Literatura no geral (literariedade, poeticidade, o literário, a sua definição enquanto poesia, entre outros.)

Outras áreas comuns na teoria da literatura são a estética, a poética, a estilística literária, a retórica literária; também lhe pertencem a investigação da sua função social (literatura e sociologia), da sua função psicológica (literatura e psicologia) e da sua dependência em relação à antropologia (literatura e antropologia).

Outros círculos temáticos são teorias do texto, do intertexto, do autor, do leitor (teoria da recepção), da época literária, do cânon, da influência, da narratologia, do mito, do meio literário, da função da crítica literária, do gênero, dos personagens, da relação da literatura com outras artes (comparação artística) e com as outras ciências, a ficcionalidade e a realidade, a didática da literatura.

A teoria da literatura é muitas vezes usada como sinónimo de Poética. Uma vez que as questões poetológicas podem elas próprias ser colocadas em questão, ser comparadas, sistematizadas e que estas práticas podem constituir, por outro lado, um fundamento teórico, faz mais sentido separar as duas áreas uma da outra.



Segundo CNN Brasil, O vídeo de uma influenciadora americana encantada com o livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, viralizou nas redes sociais na semana passada.

“Eu preciso ter uma conversinha com o pessoal no Brasil”, disse Courtney Henning Novak, que leu o clássico literatura brasileira como parte de um desafio para o TikTok no qual ela deve ler um livro de cada país em ordem alfabética.

“Eu tenho três grandes problemas com esse livro. Primeiro, a minha edição só tem 300 páginas. Só faltam 100 páginas para mim, e se eu for muito cuidadosa elas vão durar até o fim de semana. E aí o quê? O que eu deveria fazer com o resto da minha vida?”, falou a influenciadora.

O segundo problema, segundo ela, é que a letra B (de Brasil) é apenas a segunda letra do alfabeto: “O que eu devo fazer? Porque vocês não me avisaram que esse é o melhor livro já escrito. Eu ainda tenho que ler de Brunei até o Zimbábue.”

“E número três: agora eu tenho que aprender português”, falou ela. “Eu não consigo nem imaginar o quão bom isso é em português. Então agora, no meio do meu projeto de ler ao redor do mundo, eu tenho outra tarefa que é aprender português.”

“A Ressaca”, uma crónica escrita por Nzoji

Ukulu



Peço uma sopa e espero em devaneios:

Não há ilusão maior do que acreditar que um bêbado, sim, um bêbado nas baladas dionisiacas da vida, é in-lúcido. Vendo bem, a bebedeira traz consigo a sua própria lucidez — uma espécie de liberdade às coisas reprimidas (pela sobriedade) ao politicamente correcto.

Já diziam os antigos romanos: “In vino veritas”.

Vou aproveitar que ainda estou no vinho, minto, que o vinho ainda está em mim, para proferir, com lhanza, as suas verdades; para dizer o que penso sobre o que vejo, o que vejo sobre o que penso. Que fique claro: às vezes, mesmo ébrio, sou tentado a calar-me. Nesse tempo, não se pode progredir de boca aberta: ou você cala a boca ou a boca cala o seu progresso. Mas quer saber (?) Foda-se!

Mostrem-me, por favor, o mundo sóbrio que tanto se apregoa!

Andamos todos embriagados pelo ódio, pela mentira, pela inveja e por uma série de coisas que não se dizem sob pena de sermos decapitados, antes de uns bons cálices de vinho(s). Tem-se hoje uma mentalidade capitalística: vendendo a ideia de que a satisfação e a felicidade residem no poder aquisitivo, no consumismo. Razão pela qual, na busca voraz por lucratividade, muita coisa perdeu o significado. O valor lídimo tornou-se frívolo. Tipo a crítica no nosso País. Agora escrever prefácios higiênicos, à luz do impressionismo, para obras cagadas...

É esse o mundo pleonástico onde se pisam as pessoas a fim de se alcançar coisas a que chamam sobriedade ou haverá um outro que eu não saiba?!

Nunca a humanidade teve tão pouco tempo para as coisas importantes como hoje.

O excesso de informação, por exemplo, em função do escasso tempo que as pessoas dispõem, tem golpeado violentamente a capacidade crítica-reflexiva. Pensar requer tempo. Lê-se muito hoje para se estar actualizado (à míngua), porém, reflete-se pouco ou quase nada sobre o que se lê; e como resultado: temos a total desatualização. Soa até à piada. Mediocridade virou arte amontoado de palavras. Literatura. Mas os rabos que cagam tais letras recebem o serviço sanitário da crítica e de outros mestres que exageram no bilíngue.

Deviam é actualizar os livros. A espécie humana já não parece racional. Graças a mentalidade capitalística de consumo, o ter quase sempre é confundido com o ser. São agora, talvez sempre foram, conceitos siameses — é preciso ser um cirurgião brilhante para separá-los sem lesar um ou outro. Não sabendo o que realmente é, o Homo M m (quer dizer o HOMEM MODERNO E MEDÍOCRE) se deixa definir pelo que tem, consumindo, diariamente, na mesma proporção e intensidade que é consumido pelas coisas que consome. Filho da puta!

Buscamos com avidez a felicidade como estado absoluto e permanente da alma. O ponto de equilíbrio. Mas será isso possível? Originalmente o mundo é um caos

— marchando em um ritmo cada vez mais violento de oscilações e dissonâncias. Haverá nele esse tal ponto de equilíbrio?

Os comerciais, em jornais, revistas, televisões, rádios e agora em blogues, estão apinhados de caminhos, receitas para a felicidade. Não há filósofos, foram banidos pelo discurso da inveja. A dúvida deu lugar a pérfidas certezas. Tomé já não é bem-vindo aos salões apostólicos. Querem carinho, seus mimosos?!

Espalha-se hoje uma ideia completamente utópica na qual viver seria sobre ganhar — e não é que as pessoas creem nisso! Então, sacrificam todos a fim de ganharem as coisas, coisas dos comerciais; ignoram tudo quanto têm, em consequência do vício em destino, diria Robert Holden — ideia que coloca sempre a felicidade num espaço-tempo distante, fora do ser. Assim, a vida na Terra é frequentemente rejeitada pela ilusão de vida no Céu, o presente pela dubiedade do futuro; e como resultado: o homem continua, numa espécie de neomessianismo, esperando o tempo, o lugar, onde lhe será permitido beijar a face da realização pessoal.

O vício, em destino, fez da felicidade mítica, extirpou carpe diem do viver, a estética das pequenas coisas. Devido às suas ideias labirínticas, hoje, nem sabemos onde a encontrar; a política, a religião, a ciência e a arte, esses novos fios de Ariadne, já não são capazes de mostrar o caminho, se é que um dia foram!

Se algo é como é, porém, pensa-se nele de outra forma, então se torna impossível compreendê-lo. Quem sabe seja esse o caso da felicidade?! E o que é a felicidade?

Felizmente, a felicidade não carece de definição. Há mais a ser vivido do que definido

...Nunca a verdade ofendeu tanto os homens como hoje. A democratização de tudo, com suas falsas liberdades totalistas, está deixando o mundo nas mãos dos idiotas — são eles que, actualmente, ocupam os magnos assentos nas neocavernas platônicas, que alimentam a

chama da ignorância, o viver spectral em paredes da mídia (é na tela: da televisão, do telefone e por aí além, que hoje se veem as sombras como a única vida que há, rejeitando a realidade); à medida que decidem o rumo da vida social. Querem uma notícia triste? O mundo já era. Está completamente fodido!

Sei que isso não é chamado aqui, mas me sinto tentado a dizer: fora o feudo, passo maior parte do meu tempo com os livros... as ruas estão repletas de bobos da corte — divertindo e bajulando os senhores do mundo. E quando esses bobos começarem a escrever livros, se é que ainda não começaram, passarei maior parte do meu tempo sozinho, na solidão; ao menos o silêncio não pode idiotizado.

Quer saber, vou terminar esse texto no próximo sábado. Algumas verdades precisam de tempo.

Mas essa sopa não vem? Porras!

[Revista | Facebook: Só Crónicas & Cronistas]

“A Comida do Cão”, uma crónica escrita por Pedro Kamorroto



Comer é um acto puramente de cegueira.

Comer não é para quem gosta de ver. Quem come não vê. Comer às cegas é a “salvação” da humanidade. A humanidade estaria extinta se visse o que come, os processos que maquiam a cortina de aço fundido, a ultra-filtragem para banha não

aparentar viperina.

A beleza empreitada é a glaucoma que nos impossibilita descortinar qualquer sentido.

Primeiro viver, depois questionar o prato se restar tempo para bpm cardíaco. Somos animais até comermos a última unha, a última fivela. Somos ainda mais animais até não existir mais o que comer.

A convenção regula, mas também (nos) lixa. O comedor é o último a saber até ser avisado:

“– Olha então a bosta que colocaram no teu prato”.

É mesmo deleitoso essa cabeça de homem?

Cuidado, seja mais pedagógico ao avisar a alguém que comer é um acto “canibal” de um abutre. É fácil decepar um homem com catana invisível. É também no comer que está todo compêndio de alguma cadeia alimentar.

Na comida está a extensão da necropolítica à Mbembe.

Olha bem para o teu prato, não vês aí uma caveira? – Também não quero que me respondas; viva intensamente a tua cegueira (alimentícia), sei que vês apenas requinte da alta cozinha no prato. O prato é visível, é lindo demais até, os processos é que não...

Imitemos então a cegueira dos cães (vadios), eles não comem por mero imperativo da biologia canina, com regulação, comem porque são cegos: comem os lixos abandonados dos cães humanos, dos humanos cães. Cães como nós!

Cães como aqueles que constroem grande muralha do Do(u)rado EL. Muralha à Alemanha Oriental ou à China imperialista.

É a lei da obesidade que esmaga sadicamente os anoréxicos impostos.

Anoréxicos por vontade própria só quando atingirmos o último estágio da solidariedade: comunismo(?).

Não existe oferta. É apenas melodrama económico. Poesia épica.

Não existe oferta, só procura “irracional” e depressiva. Desconfia se tudo estiver acessível, decodificado, bandeja aberta. Almoço grátis é gourmet. Paga-se na “saída”.

Prepara os quilates de moedas metálicas, sacuda bem os bolsos.

Tendes aqui uma sopa com toucinho de gato escaldado para dar gosto como entrada.

O prato principal é funji misturado com peito alto de cão vadio que se evadiu por conta da má gramática normativa dos homens.

Me finalizo aqui, antes que não haja uma enxurrada de alínea se pedirem obrigatoriamente reforma(de linha) ou translineação diabólica.

Translineação é uma joaninha bem chata da vida dela. Está a galgar passos para senilidade.

É uma bicha serralheira que (me) chateia, importuna os pente(ve)lhos do cérebro.

[Revista | Facebook: Só Crónicas & Cronistas]

“A Sociedade Mimosa”, uma crónica escrita por AC Khamba



É incrível como os humanos da minha localidade encontram a definição de mimo no rosto de um Rei ou talvez el Cunador das Ovelhas. Há coisas que não se definem, é pecado, é perda de tempo, a clareza é seca: na palma da mão, temos os amuletos da cidade. I esse dia, marcado com as mulheres

da minha vida, teve cores – Não é de todos os dias que somos mimados, ainda mais em Março. Vários pratos e copos definiam a nossa mesa, várias mulheres e de distintas idades cruzavam a gramática conosco na mesma mesa. Sabe qual é a melhor forma de se mimar? Arroz em saco valendo uma única nota cinzenta, porque verdes já nem alegram os fins de cada mês, e quem disso duvidar é mimoso. Atenção, no dicionário do meu povo, recebe nome de mimoso quem tenha vendido a terra por uma mulher, possívelmente por esse processo de traição. / Uma das minhas mulheres dá-me na boca, não é que você sente mal e os outros percebem que você está avançar sem qualquer receio dos danos! Também não é pelo líquido nem pelas mulheres na mesa, mando filhadaputar quem não entendeu, ninguém a mim mesmo bate, e daí, seus mimosos? Uma das minhas mulheres, outra vez, disse que era mimo demasiado não aprender com Job Sipitali, nunca só reclamou o colo da cidade, mas eu disse que sou das províncias. É mesmo mimo demasiado, nós na mesa, dão-te umas boas kandambalas, daquelas que lhe coloca na linha, logo se desliga da rede de conversas, já ninguém sabe do seu paradeiro, só mais uma coisa, ninguém está aqui para cuidar dos vossos fãos, choronos dum afiga, também mimosos. / A sociedade dos mimosos é um poemário de versos podres, cheira pobreza, é reescrita várias vezes no acto da escuridão. Vocês sabem que a vaidade da ignorância prepara um barulho enorme, aquilo é só dizer: Você não pode gastar muito com a cozinha e no fim me oferecer vomitos. Ah não, ah boconho, ah fonho, você é rude, é nucequê... Ó mimosos, se renovem, e é urgente. Mas que mimo é esse, leitores da real idade, não sei se mentem que revisam livros, não lê livros com escrita brasileira?! Portugal tem dinheiro? Solo São nas mãos, a nossa indústria tem de ter com leões. / Quando se caminha com muitos, a viagem fica curta. Fiquei, sim, feliz de saber que já não estava em casa, que fora era uma pessoa livre. Desde muito cedo soube que a liberdade é um conjunto de limites no seu caminho, é nesse caminho que questiono os prémios estranhos, que limite há no prémio de melhor professor, como é feito? Mais além, você percebe que os outros só se mimaram com um novo conceito de mimo. Mimosos. Aí também vem aquele gajo que me apresenta tal trabalho académico feito nas cantinas e por um palhaço que só queria seu Kumbu, nem só um pouco da sua doxa o gajo lá tem, mas no fim a escola possui pedagogia e esse bufo passa nas calmex. / É verdade que gosto das quartas. Esse dia era quarta, é a quarta vez que chegava de alertar a Uene ver cidade: é mimo demais permitir que as pessoas já não conheçam o chão, toda hora no ar, viagem é viagem, enquanto uns são humilhados por um cobrador cabola, resto do mimo agudo. Nessa quarta, na maka à quata-feira, chegava de ver uma prelectora a lacrimejar por uns contra-argumentos de duas mulheres, mais eu, que de forma rígida não davamos mimos à mãe vendedeira da psicologia rendida às emoções. / Não gosto de mimo, por isso tinha que bater nalguns escritos e hoje, mais do que nunca, sinto que estão no bom caminho os cães. Tudo que está mal hoje é por causa do mimo, a religião, a cultura, a ciência, a filosofia, a tecnologia, a vida tão dura, a vida leve, é muita porcaria em delírio, é muita coisa boa em declínio. Há vezes que somos a esconder o nosso ego no exterior do nosso próprio ego, isso para dar mimo ao pai do mimo, tão mimoso que restringe públicas ações na rede “rosto no livro” para não vermos a vossa nudez crónica, mas o grande problema são os olhos dos seus mimosos, só são mesmo olhos, nada vê, estão acostumados com os cremes, onde os objectos são tão visíveis, mas a doutrina cega a estrada. Essa é a estrutura físico-social dos mimosos académicos, políticos, religiosos, literatas, enfim, a verdade comprovada é, para eles, toda ela inútil sem citações. / Regresso. Antes de chegar em casa, algumas pernas pousei no Hotel Muanagana, lembro-me de já ter pago a estadia da conversa que não serve para os cardíacos, não serve para os mimosos, homenagem a Paula Tavares, Amélia da Lomba, Marquita 50, Bel Neto. Pergunto a Leonor, esta é daquelas damas que muito sabe deixar bêbedo os mimosos da minha rua: Como é, dá para beber uma coca-cola naquele jabá? – Não, seu mimoso. – Será que todos nós somos da SOCIEDADE MIMOSA? / Depois de uma coca-cola que estava numa frescura que esta terra faz tempo que não alcança, que nunca será mais droga que as consequências dos mimosos, começo a cogitar e sem me importar com as pessoas na estrada, sabia que a estrada estraga, por isso escolhi seguir meu caminho, que é reflectir: Agora é um processo contínuo, específica mente em Angola, cada dia ser noite, as coisas pioram e quase que ninguém está nem aí para rever as coisas más que este povo tem de passar

por motivos do mimo e, por esse, outros motivos também, nós estamos a cada vez mais agressivos, não procuramos compreender as razões de a pessoa ter dito isso, não vemos os sentidos de ter feito isso, o que está além do que já temos como padrão, ou mesmo, tudo dito pelos outros é motivo de incompreensões, ofensas, arrogâncias e diabolizações, é triste a nossa realidade actual, mas é esta: todo mundo sabe, todo mundo compete, todo mundo é justo, todo mundo é superior a todos, inclusível todo mundo é conselheiro, pensa melhor e faz melhor, é melhor, é melhor, é melhor, no fim, todo mundo é pior que aquele pessoal que a gente nem sabe, mas diaboliza. / O pior nisso, gente, parece que não há cura sobre essas coisas fúteis, porque a pessoa justa sofre a injustiça, a pessoa honesta sofre a desonestidade, a pessoa humilde é humilhada; o contrário, a pessoa injusta está no lugar do justo, a pessoa desonesta ocupa espaços honestos, as pessoas não humildes invertem o conceito de humildade, agora, humildes são aqueles que possuem as mesmas opiniões da deles, que fazem de tudo para que continuem fúteis e com isso esquecem a pessoa humilde no caminho. / Nós aprendemos desde muito cedo com as filosofias de outrem, “a necessidade é maior que a moral”, mas se alguém que nunca escreveu um livro sequer, dentro das suas razões, questionasse quando a necessidade fosse maior que a moral, nesse mesmo dia, esse alguém será o oponente do afirmador, que também pode ser um plagiador subjectivo e vicioso; “a religião é o ópio da sociedade”, se alguém questionar como é a forma da sociedade que foi mencionada na época que se disse e como é a sociedade que vivemos e vemos agora, é mal, é motivo de as pessoas chamarem-se nomes, tolo, atrasado, assado, e abandonam assuntos extremamente importantes, como a política que droga a cultura, a cultura que droga religião e a religião que droga o povo. / Para quem estuda seria mente os contextos, sabe, e sabe perfeita mente que hoje a sociedade ficou toda ela mimosa, daí ela ter abandonado tudo, o respeito pelas pessoas, só para não dizer pelos mais velhos; abandonou a verdade, só para não dizer que deixou de lado a infor-

mação como tal; abandonou a simplicidade e tornou-a em gente boa, entenda que gente boa, hoje, é gente que se esconde na falsidade, é gente que vem com as mãos abertas para a solidariedade lucrosa, enfim, porque aquilo que as pessoas não sabem, mas desconfiam, é tudo isso ser fruto do pão e água, do cocó e xixi, coisa que só se resolve por quem está mais que consciente e confiante de que a fome não é relativa. Tudo que é mimo, não amadurece ninguém, amolece. / Nova mente em casa, cansado, sem as minhas mulheres à volta da mesa, mas tenho de mostrar se quando será necessário o mimo ao homem: Lu, anda, passa-me tuas mãos de kianda, que eu pretendo estar desligado dessa vida duríssima.

[Revista | Facebook: Só Crónicas & Cronistas]

“Af-rui-ka”, uma crónica escrita por Katito Kamwenho



Af-rui-ka é o berço da humanidade, antes mas depois dominada pelo neoimperialismo. Na real, o cego pisca, só que finge não ver; o surdo escuta, mas finge não ouvir ela, que, na estranheza, é uma pobreza invejada pela riqueza. Por outro lado, subentende-se, porém, que, a etiqueta incutida parece não fazer efeito, mas não adianta explicar o concreto, porquanto a poesia é sentida e nua nesta injustiça inexplicável.

África, que é o terceiro continente mais extenso, é o dobro energético-climático-tropical da negritude beleza-certeza-boniteza; é o paraíso

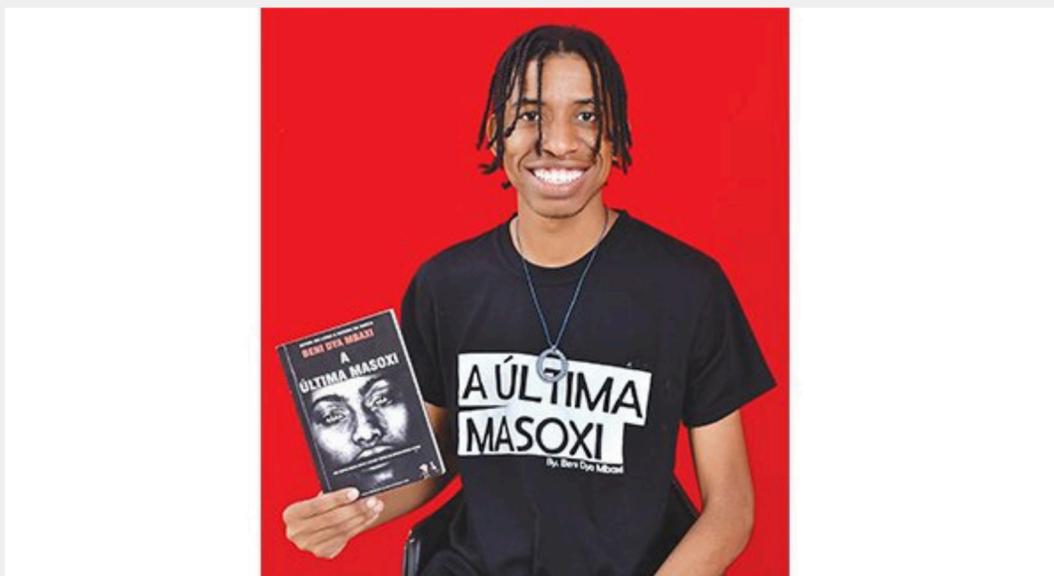
do útero que espelha rumores do nascimento da espécie humana, onde foram encontrados os primeiros fósseis, disseminados pela caverna; é o território terrestre que possui o ponto mais alto de Kilimanjaro. Não obstante, desenhada de grande diversidade étnica, cultural, social e política.

Áfrika fala um vasto número de línguas distintas, pratica diferentes religiões, coabita em um milheiro de tipos de habitações e, apesar das makas de uma expectativa de vida anã, subnutrição e analfabetismo, há uma gigantesca inteligência como a de um golfinho, que se relaciona em um amplo leque de actividade económica e brilha volumosa com sua cultura: a arte, a música, a dança, a culinária e a vestimenta.

Agora, vejamos, se Af-rui-ka é um dos continentes mais miseráveis do cosmos, por que pelo qual os países mais desenvolvidos doutras esquinas, de vida razoável e ou de qualidade, buscam suas riquezas nela, uma vez que também é subentendida como mero bolso de subdesenvolvimento? A brincadeira de mal gosto é o retrato do egoísmo. Pecaminoso é preconceber e bisbilhotar a carteira do outro sem o seu consentimento.

O nativo africano ontem lutava contra o colonialismo, e hoje ainda encara o racismo. Onde o europeu, de rótulo mandioca, que até casca castanha expulsa, sob a rejeição do coitado carvão. Mas, uma zebra sensitiva e de sã consciência como Af-rui-ka, jamais revoltar-se-á com o tom da pele humana, ela apenas unifica as raças, as semelhanças e diferenças culturais. Quer dizer, o momento oportuno é o paradoxo da ignorância, exploram bastante o neuro afrikano e, de seguida, somem do mapa com a luxúria alheia. Já chega. Af-rui-ka não é marioneta. Áfrika é terra solidária, e não capitalista com milionários a encenarem gimolas.

O escritor Beni Dya Mbaxi é homenageado no 3º aniversário da Rádio Sucupira



Conforme Rádio Sucupira, Beni Dya Mbaxi, jovem angolano escritor, distinguido pela rádio sucupira, como jovem com influência na literatura nas comunidades, rompendo além fronteiras.

Estudante de língua portuguesa, escritor com mais de dois livros e conta com mais de dez reconhecimentos nacionais e internacionais na sua carreira.

Beni dya Mbaxi é o pseudónimo de Bernardo Sebastião Afonso, que nasceu em Luanda, no município do Cazenga, a 28 de Maio de 1997. É estudante de Língua Portuguesa e Comunicação na Universidade Metodista de Angola (UMA).

Em 2012, recebeu o prémio da quarta edição do "Annual Global African Authors Award" pela obra "A Última Masoxi", recebeu, também, o prémio Escritor Revelação do Ano 2021, do Moda Cazenga By Luandina, e Honra ao Mérito da Biblioteca Municipal do Kilamba Kiaxi.

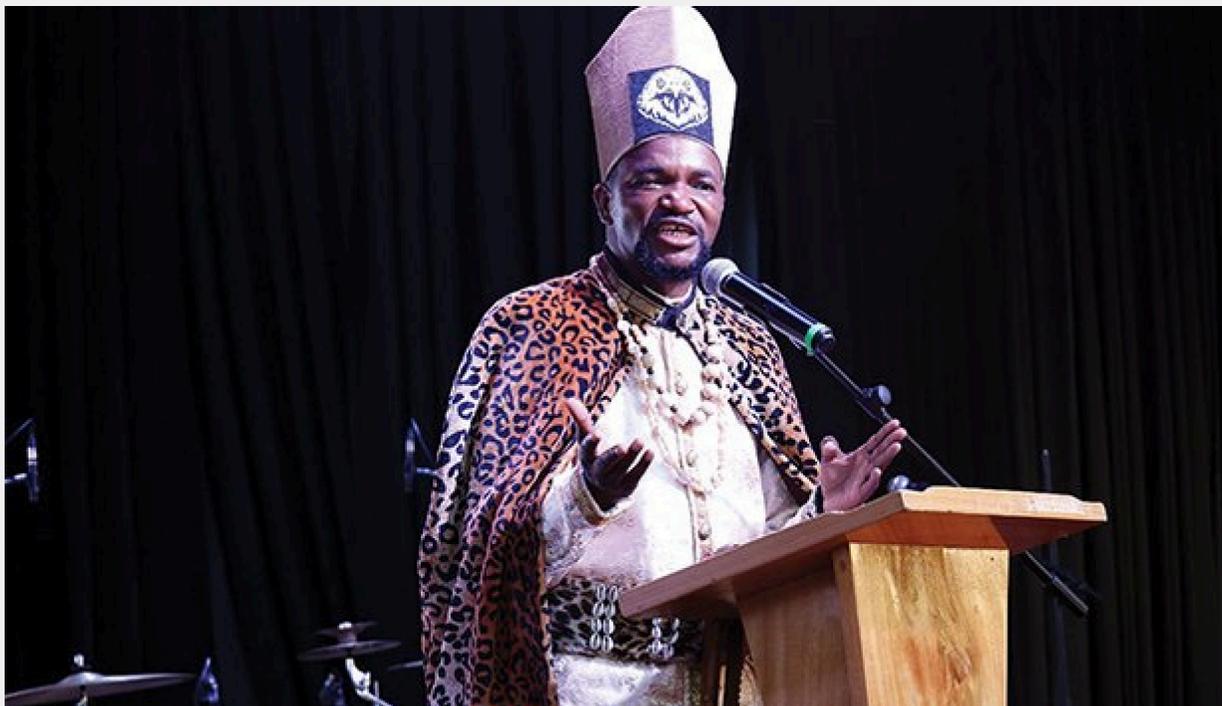
Foi distinguido com o prémio "Escritor Jovem" em 2022, nos prémios Dipanda, e em 2022, pela revista literária "Khuluma Afrika-Speak", da África do Sul. Recebeu dois certificados pelos feitos na literatura angolana, atribuídos pelo secretário executivo do Conselho Provincial de Luanda, considerado "Jovem Escritor 2023", distinção atribuída pelo portal Mwangolé das Letras, pelo livro " Quando Não Olhas Para Trás".

É colunista regular do Jornal Internacional "The Diaspora Times Global". redactor da Tabanka Tv de Londres, Inglaterra. Embaixador da revista "African Writers Round Table", no Zimbabwe, e colunista do blogue brasileiro "Pensamentos e Poesia".

O livro "A Última Masoxi" voltou a ganhar vida em palco, na peça de teatro adaptada pelo encenador Wengui Dias, que foi exibida pelos alunos da Escola de Artes da Fundação Arte e Cultura, no auditório Wiza, na Ilha de Luanda, em 2022.

CULTURA:

Baluarte da música ancestral



Conforme Jornal de Angola, O evento homenageou três artistas oriundos do Planalto Central e que se consagraram a nível nacional: Justino Handanga, General Viñi Viñi e Chissica Artz.

O Rei do Bailundo, Tchongolola Tchongonga, Ekuikui VI, foi o convidado de honra. Com Bessa Teixeira, Edna Mateia, Grupo Katyavala e Nova Geração veio do Huambo uma delegação artística que integrou também Ceicy Tchavala, autoproclamada "Rainha da Música Tradicional" e que vive em Luanda.

Coube às mããs do Katyavala, coral oficial do Reino do Bailundo, o primeiro momento do festival. Trajadas com pimballi, panos característicos das mulheres do Sul, em palco exploraram coreografias ao som do olundongo. Fora do palco vende-

ram produtos tradicionais da cooperativa do grupo, com destaque para o longuesso, um afrodisíaco bastante procurado e só possível de encontrar no Reino do Bailundo. Bessa Teixeira levantou a bandeira da Sungura e incursionou pelo Semba, Kilapanga e Kizomba.

Edna Mateia, uma voz que combina a tradição e a modernidade, foi a grande surpresa. Agiu como professora ao explicar o clássico "Umbi Umbi".

Ceicy Tchavala, que defende a cultura Ovimbundu a partir de Luanda, mostrou que a sabe preservar, quando, ao interpretar "Sessa Kuelombe", pediu permissão aos mais velhos.

A diversidade étnica e rítmica não esteve ausente desta edição do Festival Balumuka. Tunjila Tua Jokota (Malanje), Socorro (Uíge) Dilanges de Ambaca (Cuanza-Norte), Tua Moneca (Bengo), Semba Muxima e Kamba dya Muenho (Luanda) e Duo Canhoto, entre outros artistas e formações, estiveram lá para ilustrar a riqueza do mosaico cultural nacional.

Reflexão do dia

